

CONFIDENCIAL

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA
SERVIÇO NACIONAL DE INFORMAÇÕES

INFORMAÇÃO Nº 410/SNI/ARJ/1968
(ST.19.2 - 052)



Data : 17 Jun
Assunto : Atuação de Reitores de Universidades.
Referência :
Difusão : Ch SNI
Difusão desde a origem:

1. A classe estudantil vem se notabilizando pelos constantes ataques ao Governo e às diretivas adotadas pelo atual sistema institucional - que se localizou no País, após a Revolução de 1964.
2. Vinha sendo observado que inúmeros professores, procurando alcançar uma situação de simpatia entre os alunos e mesmo porque compactuavam com as mesmas idéias, mantinham-se em posição de solidariedade -- com os universitários e alunos de maneira geral.

Entretanto, dentre os Reitores, elementos nomeados pelo Governo, - não se observava uma tomada de posição acintosa, nas suas atitudes. - Últimamente, verifica-se que os próprios dirigentes das Universidades, se uniram a classe estudantil, nos ataques contra as autoridades constituídas.

Dois exemplos recentes, vêm demonstrar a atuação dos Reitores das Universidades Federal de Sergipe e Federal Fluminense.

3. No período de 31/5/68 a 2/6/68, promovido por vários Diretórios Acadêmicos da Universidade Federal de Sergipe, foi realizado o 1º SEMINÁRIO DE PROBLEMAS ESTUDANTIS e REALIDADE BRASILEIRA, que transformou-se em uma reunião para ataques ao Governo Federal.

3.1 - No dia 31/5, foi instalado o Seminário, estando constituída a mesa Diretora dos trabalhos dos seguintes elementos:

Presidente - FRANCISCO VARELLA
Vice - LUIZ MACIEL
1º Secretário - CLARA BARRETO
2º Secretário - ELUIDINA MACÊDO
Dr. JOÃO CARDOSO - Reitor da UFS.
Desembargador WALDEMAR FORTUNA DE CASTRO - Vice-Reitor
Madre ALBERTINA BRASIL - Diretora da Faculdade de Serviço Social.
JAIME ARAÚJO - Deputado Estadual (MDB).

CONFIDENCIAL

(Continuação da Informação nº ST.19.2/052/17/6/1968 e SNI/ARJ, número 410/de /1968).....



- 3.2 - Iniciando a sessão, o Reitor Dr. JOÃO CARDOSO, congratula-se com os estudantes. A seguir usa da palavra, o Dr. JAIME ARAÚJO que pregou a unidade da classe estudantil, dizendo da necessidade urgente que ela se una cada vez mais, deixando de lado as brigas internas, desde que o ideal é um só, acabar com a "ditadura".
- 3.3 - Durante todo o desenrolar dos debates, os estudantes manifestaram, em linguagem direta, a sua repulsa às diretrizes do Governo, bem como às Forças Armadas e, ainda, apresentaram farto material de caráter subversivo procedente de outros centros estudantis.
- 3.4 - Todos êstes fatos se deram sob a complascência do Reitor --- JOÃO CARDOSO e da Madre ALBERTINA BRASIL, conhecidos ambos como esquerdistas, e a segunda, vem sempre apoiando tôdas as campanhas estudantis, inclusive incentivando os Diretórios envolvidos na agitação.
- 3.5 - Em anexo, alguns dos documentos distribuídos antes e durante os debates, bem como uma fotografia da mesa diretora dos trabalhos.
4. Recentemente, realizaram-se as eleições para o Diretório Central de Estudantes da Universidade Federal Fluminense.
- A chapa vencedora, composta de elementos esquerdistas tomou posse no dia 6/6/68.
- Apesar de alertado, antes da eleição, para o fato de que os candidatos, eram elementos ligados ao esquema subversivo, a Reitoria da Universidade Federal Fluminense, não tomou nenhuma atitude.
- 4.1 - À solenidade de posse da Diretoria do DCE/UFF, foi assistida por cerca de 300 estudantes, tendo sido presidida pelo Reitor MANOEL BARRETO NETO.
- Tomaram assento à mesa diretora dos trabalhos, além do citado Reitor, o Presidente da União Nacional dos Estudantes, --- LUIZ GONZAGA TRAVASSOS DA ROCHA e o professor MILTON LESSA BASTOS, assessor para atividades extra-escolares da Universidade Federal Fluminense.
- 4.2 - Todos os oradores, usaram o tema: - "MOVIMENTO ESTUDANTIL" e formularam ataques ao acôrdo MEC-USAID. Pediram ainda o retôr no das entidades ilegais, UNE, UME e UFE.
- 4.3 - Causou espécie o fato de o Reitor BARRETO NETO, presidir a solenidade em companhia de LUIZ GONZAGA TRAVASSOS, que compareceu invocando sua condição de Presidente da UNE.
- 4.4 - No anexo B, uma fotografia da mesa diretora dos trabalhos.
5. Parece estranho, que elementos nomeados pelo Governo Federal, para dirigir entidades ligadas ao sistema de ensino, se liguem ao esquema -

CONFIDENCIAL



(Informação nº 052/ST.19.2/17/6/1968 e SNI/ARJ, número de 410 /1968).....

subversivo que constantemente cria problemas para as autoridades cons- tituidas e para o próprio regimen.

OMST 703

000

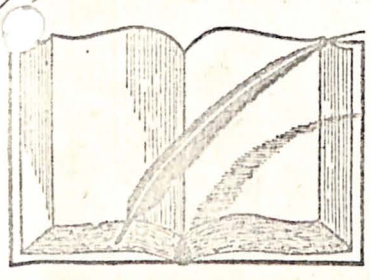
CONFIDENCIAL

CONFIDENCIAL

I SEMINÁRIO DE PROBLEMAS ESTUDANTIS E REALIDADE BRASILEIRA

1.º delegado de história
Pertencente ao

DOCUMENTOS BASICOS PARA DEBATES



Tese sôbre a Universidade de Sergipe
Acôrd MEC-USAID
Relatório ATCON
Decreto "Aragão"
Artigo do Senador Mário Martins
Função Social da Universidade — Josué de Castro

Promoção

- Centro Acadêmico "Silvio Romero"
- Diretorio Acadêmico "Jackson de Figueiredo"
- Diretorio Acadêmico "Antônio Militão de Bragança"
- Diretorio Acadêmico "Maria Kiehl"
- Diretorio Acadêmico da F. de Ciencias Econômicas
- Diretorio Acadêmico "Dr. Augusto Leite"

Por uma Universidade popular: Pública, Livre e Gratuita

CONFIDENCIAL

CONFIDENCIALCONVOCAÇÃO

Os Presidentes dos Diretórios Acadêmicos da Universidade Federal de Sergipe, vêm de público convocar todos os estudantes universitários, considerando:

1) A urgência de um estudo profundo e concreto da nossa realidade, principalmente agora quando possuímos uma Universidade que ainda é desconhecida pela grande maioria dos universitários

2) Que o estudante brasileiro deve conhecer a problemática nacional; e principalmente o estudante sergipano, que pertence a um Estado pobre e sem recursos

3) Que a atual política educacional do Governo é mais um passo para a introdução do imperialismo em nosso país, através do conhecido/acôrdio MEC-USAID.

4) Que para se lutar por reivindicações, é necessário união de / todos os estudantes, sem haver sectarismos ou pontos de divergências

5) A validade da luta pela consolidação do Movimento Estudantil

Considerando tudo isto e mais algumas coisas que concorrem para o atraso do Brasil, é que convocamos todos os Estudantes Sergipanos a participarem do I SEMINÁRIO DE PROBLEMAS ESTUDANTIS E REALIDADE NACIONAL, que terá início hoje, dia 31, às 20,0 horas na Faculdade de Serviço Social da U.F.S., onde serão debatidos temas de / grande validade como:

A Universidade de Sergipe

Problemática do estudante sergipano

A U.N.E. e a política estudantil

O acôrdio MEC-USAID e a infiltração imperialista

O estudante e a Realidade Nacional

CONFIDENCIAL

CONFIDENCIAL

COLEGAS

O Brasil hoje encontra-se envolvido no processo de exploração imperialista sob a forma néo-colonialista, onde sua economia / principalmente a industrial não passa de um prolongamento do imperialismo. Este fato determina a necessidade de uma dominação política e ideológica. A partir do golpe de 64 acentuou-se o avanço destas forças no sentido de completarem esta dominação e para que o povo brasileiro, em um regime de miséria crescente fornecer ao imperialismo e seus aliados internos melhores lucros. Assim o imperialismo planejou a morte da Universidade arcaica e o nascimento da Universidade MEC-USAID.

O governo brasileiro como representante ~~do imperialismo~~ do imperialismo, endossou o seus interesses e propõe "uma política reformista" para a Universidade. Esta reforma universitária nada mais é que uma marginalização maior do POVO, pois, faz uma elitização, um militarismo e um tecnicismo no setor da // Educação.

A luta conseqüente de bocoite à aplicação da Universidade MEC-USAID, que a U.N.E. desenvolve contra a política educacional da ditadura gerou as mais horrendas repressões, como a morte do / Estudante, fechamento de entidades estudantis, prisões, etc., etc. Em face a esta política conseqüente desenvolvida pela U.N.E., a ditadura entra em desespero e tenta montar uma estrutura pelêga de "liderança estudantis", como o Grupo Decisão, o M.U.D.S., e o D.N.E. de triste memória. Estas tentativas são frustradas pois não existe a sustentação da massa estudantil como a que a U.N.E. tem, apesar da ilegalidade jurídica e das bestiais repressões. Esta frustração levou a ditadura a uma modificação sutil na representação à UNE, querendo agora não destruí-la pela força mais sim dando uma "legalidade" onde possa restringi-la e amordaça-la com decretos fascistizantes (Decreto Aragão, Lei Ante-greve etc.). Dessa forma "a legalidade da UNE" significa para a ditadura a sua impotência na criação de organismos pelegos para o movimento estudantil, voltando-se numa tentativa de corromper o atual organismo que traça e dirige a luta contra todas as formas de intreguismo da Educação brasileira.

Como aceitar "esta legalidade" dentro de uma famigerada lei que por exemplo, no seu Art. 11 (Decreto Aragão) diz que é vedada aos órgãos de representação estudantil qualquer ação de caráter político? O movimento estudantil, lutar por uma "legalidade" e uma "reforma" universitária, significa um rebeque na política reformista e um oportunismo! Diante disto só nos resta repudiar "esta legalidade" e colocar em prática o plano de luta da UNE.

CONFIDENCIAL

100

Plano de luta:

- Contra as anuidades
- Contra o corte de verbas
- Contra ~~os~~ o surgimento de exedentes
- Pelo aumento de vagas
- Contra a privatização do ensino

COLEGAS? SEJAMOS COERENTES, POIS A HISTÓRIA JULGARÁ OS NOSSOS CRIMES!

"VIVA A U.N.E. LIVRE"

o-econômicas. Foram empossados novos membros "revolucionários"(???) , que se empenharam na criação de uma "Universidade". Liderado por um "medalhão" do nosso Estado, o Conselho tomou a paternidade dêste empreendimento, marginalizando estudantes e professores, e, sozinho, elaborou um ante-projeto que, antes de ser enviado ao então Presidente = Castelo Branco, foi "apresentado" às Congregações de tôdas as Faculdades, para que estas dessem "sugestões". Por terem sido marginalizadas e não poderem defender "concretamente" suas sugestões, as Congregações das Faculdades de Direito, Medicina e Economia, recusaram-se a ler e tomar conhecimento oficial dêste ante-projeto que possui contexto tão "alienado" e "reacionário" que os próprios assessôres do Presidente vetaram-no em quase sua totalidade.

Antes do envio dêste ante-projeto, os estudantes elaboraram um outro, adaptado à realidade sergipana e brasileira, com o Ensino = integrado em Institutos e Departamentos e sob a forma Autárquica.

O Conselho Estadual de Educação boicotou-o, morrendo êste movimento nas origens, apesar de ter sido aprovado pela Assembléia Legislativa do Estado.

Pelo Decreto Lei 269 de 28 de fevereiro de 1967, ficou criada a Fundação Universitária Federal de Sergipe (FUES), entidade frágil e alienada, que servirá de "gorda isca" aos famigerados joguetes/dos grupos econômicos regionais, representado^s por oligarquias decadentes, bem como ao Imperialismo Norte-Americano, que se encontra em plena atividade em nosso País.

II) REALIDADE SERGIPANA:

ASPECTOS ECONÔMICOS, POLÍTICOS E SOCIAIS.

O Estado de Sergipe, com uma população estimada em 347.000 habitantes, apresenta-se, num estudo comparativo, como um dos Estados mais subdesenvolvido do subdesenvolvido nordeste brasileiro. De acordo com o IBGE, a renda per-capita no ano de 1960, foi de NCr\$ 14,65 / (quatorze cruzeiros novos e sessenta e cinco centavos) ou seja, menos de 100 dólares.

Eis a cruel realidade. Enquanto em outros Estados aumenta a participação da Indústria na renda interna, no Estado de Sergipe é a agricultura quem cresce paulatinamente em contribuição, passando de 42,5%, em 1959, para 46,4% em 1964, ao passo que a Indústria passou de 13,0% para 13,7% dentro do mesmo período. (dados coletados pelo CONDESE - para 1964, foi feita uma estimativa).

Como se depreende, Sergipe é por conseguinte, um Estado cuja economia assenta-se essencialmente no setor primário.

Por outro lado, a História do Nordeste nos mostra que a base de sua economia sempre esteve vinculada diretamente à agricultura/canavieira, surgida no século XVI. Revendo todo seu desenvolvimento, constatamos uma razoável mudança das técnicas empregadas; mas êsse de

-envolvimento ainda não atingiu o mínimo de tecnologia moderna, daí a não possibilidade de concorrência para com a relativa pequena área cultivada em São Paulo. Em Sergipe, a economia não difere das demais do Nordeste; sua renda interna é oriunda em aproximadamente 50% do setor primário e, neste setor, ocupa lugar de destaque a cana de açúcar, que apresenta os mesmos problemas do todo, isto é, da região nordestina, porém com agravantes peculiares; um deles é a existência de pequenas usinas, que, somadas, não ultrapassam a produção de uma única usina, do Estado de Alagoas, apresentando daí uma baixa rentabilidade, que, aliada à insuficiência do solo e da técnica usada, além da implantação de uma grande empreesa - PETROBRÁS - dentro da área da cana, contribui para a deterioração da suplicante indústria canavieira.

O parque industrial, se é que assim pode ser chamado, constitui-se por indústrias que utilizam o côco como matéria prima, por indústrias têxteis, e uma série de pequenas indústrias sem maiores expressões. Na pequena renda interna do Estado, ela participa com apenas 13,5% (1961 - CONDESE). Atualmente, graças ao trabalho da empresa estatal PETROBRÁS, com a descoberta do Petróleo, do salgema e do potássio, uma nova perspectiva se apresenta ao povo sergipano, que tenderá, dependendo de sua luta em torno de suas legítimas reivindicações, para uma melhoria de seu nível de vida ou então para uma aguda crise sócio-econômica. Isto porque, se não houver instalações de indústrias destinadas à utilização dessas matérias, assim que cessar o trabalho de perfuração dos campos petrolíferos, o que não demorará muito, haverá uma dispensa em massa uma vez que serão necessários poucos técnicos para o controle de todo o campo explorado; e, não havendo novas fontes de trabalho, teremos aumentado o exército de desempregados, hoje já bastante crescido devido ao êxodo rural provocado pela própria PETROBRÁS, quando de sua instalação no meio rural, onde tudo, de um modo geral, passou a girar em torno de suas atividades, e que será acrescido daqueles que hoje exercem o subemprego em função das atividades e da inflação provocada por ela. Não queremos dizer com isto que a PETROBRÁS, tenha sido um mal; pelo contrário, ela veio provocar uma expansão na economia sergipana; porém, se não for criada com essa expansão uma infra-estrutura, haverá inevitavelmente a crise econômico-social.

Enquanto isto, o Estado tem apresentado déficit^s constantes ultimamente, para cobertura dos déficits ocorridos nos anos de 1964 - 1965, foi necessária uma ajuda federal de NCr\$ 2.000.000,00 (dois milhões de cruzeiros novos). Agora observe-se, por 85% das despesas do Estado serem relativas ao pagamento do pessoal civil e militar, em 1966, foi conseguido um quase equilíbrio no orçamento, isto devido ao pauperismo em que foi lançado o funcionalismo público, através da política de redução do salário real, parte integrante da política do archo salarial instituída a partir de abril de 1964. É, portanto, um Estado sem nenhuma capacidade para investimentos em infra-estrutura.

O reflexo desta estrutura econômica é uma super-estrutura = política arcaica, onde ainda prevalece a influência das famílias vin-

CONFIDENCIAL

-4-

-culadas ao latifúndio canavieiro e pecuário, que impede qualquer mudança de estrutura tendente a aumentar a produtividade bem como a uma melhor distribuição da já pequena renda interna.

Na conjuntura acima descrita, a Educação, como não poderia/deixar de ser, é deficiente e constitui privilégios de uma insignificante minoria. O fato assume proporções tão monstruosas que, - por incrível que pareça - chegou a sensibilizar até o governo do Estado, merecendo de sua parte o envio, no ano de 1965, de uma mensagem à Assembleia Legislativa, onde diz: Somente 46% das crianças em idade escolar frequentam escolas; 63% da população é de analfabetos; menos de 20% dos concluintes do curso secundário ingressam nas Faculdades. Devemos notar ainda que nem todos terminam o curso superior.

Atualmente, 520 alunos formam a população universitária significando que em cada 2.000 habitantes, somente 1 é universitário, ou seja 0,05% da população aproximadamente.

III) A UNIVERSIDADE ANTE A REALIDADE SERGIPANA

É no contexto sócio-econômico acima descrito, que uma minoria, de pleno acordo com a política originada do Golpe de abril de 64, num desprezo total pelo corpo docente e discente, elaborou um anteprojeto, que resultou o Decreto Lei 269 de 28.02.67, que cria a FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE, e que, como fundação, é uma entidade de direito privado, onde a responsabilidade do Governo Federal é parcial, dependendo ela, para seu funcionamento, de financiamentos/estadual, federal, particular e das anuidades e taxas escolares.

Como vimos, o Estado de Sergipe é pobre e não tem condições de contribuir para a manutenção da Universidade, além do que seria uma discriminação injusta, pois 17 Estados possuem suas Universidades/mantidas integralmente pelo governo Federal. Atualmente, o Estado de Sergipe mantém, precariamente, duas das seis Faculdades existentes, e no curso primário encontramos apenas 46% de crianças, em idade escolar, matriculadas; ao assumir a responsabilidade de manter a Universidade, teríamos um agravamento dessa situação, ao passo que, se esta responsabilidade passar ao Governo Federal, o Governo do Estado poderá ampliar o campo de ensino primário, tão deficiente e comercializado em nosso Estado.

Acrescente-se a tudo isto que segundo o BID - Banco Interamericano de Desenvolvimento - "o Brasil é na América Latina o País que percentualmente menos investe em Educação, atingindo apenas, 7,4% de seu orçamento; enquanto outros países aplicam, como a Costa Rica, ... 28,7% ; México, 23%; Uruguai, 16,4%; Argentina, 12,8%; Venezuela 10,5%. Eis como justificamos a premente necessidade de se transferir para o Governo da União as responsabilidades do Ensino, principalmente num país como o nosso, onde 70% de sua população é constituída de analfabetos.

CONFIDENCIAL

a) FINANCIAMENTO PARTICULAR E INFILTRAÇÃO IMPERIALISTA

Quanto ao financiamento Particular, o problema é ainda grave, pois não possuímos indústrias que tenham interesse direto na formação de técnicos, pois não possuem capacidade para assimilar os que serão/ formados pela Universidade, bem como não têm condições financeiras para manter uma instituição de tal porte. Restaria uma saída: o financiamento por empresas estrangeiras; então, teríamos a "ajuda" das nos- -sas tão conhecidas FUNDAÇÕES: Ford e Rockefeller; da CIA, e da USAID, órgãos ligados ao Departamento de Estado Norte-Americano.

b) A INTEGRAÇÃO DA NOSSA PROBLEMÁTICANO CONTEXTO NACIONAL

Com a participação destes órgãos na nossa Universidade, teríamos aí o englobamento da nossa realidade na contextura brasileira, e quiçá da América Latina. É a política neo-colonialista deflagrada = contra os povos subdesenvolvidos. É o plano de desnacionalização, de desfiguramento da característica nacional urdido pelos americanos e a -poiado pelo Governo Federal.

É que o imperialismo americano, após infiltrar-se em todos/ os setores político-econômicos da vida brasileira, volve suas aten- / ções para o plano da Educação, visando, desta forma, impor uma ideolo -gia alienada e, por conseguinte, alheia à realidade gritante dos nos -sos dias, pois, sobretudo, tem como missão o "adestramento de burocrá -tas, cujo interesse será manter as estruturas existentes".

Todos sabem que para se conquistar uma Nação nos dias que/ correm, mister se faz também conquistá-la ideologicamente; isto é o/ que fazem os Estados Unidos na América Latina, como em quase todos os Continentes.

Daí o valor dado pelos americanos ao Relatório Atcon, que = teve como objetivo fazer um levantamento da situação do ensino superi or na América Latina.

Tal Relatório, intitulado "Anteprojeto de Concentração da/ Política Norte-Americana na América Latina, na Reorganização Universi -tária e sua Integração Econômica", está sendo utilizado pela "United States Aid for Development" (USAID) "como a estratégia geral do imperi alismo no setor universitário do nosso Continente".

Focalizando bem claramente os seus interesses, o famigerado Relatório prescreve que se deve: a) "desenvolver uma filosofia educaci -onal para o Continente; (...) b) estabelecer programas de ação educa -cional, em todos os níveis e em todos os países; c) dar prioridade/ máxima a todas as questões educacionais e obter os meios financeiros/ para levar à prática tal política; d) criar e manter um serviço de =/ consultoria para as Universidades latino-americanas". No capítulo VII item g acentua como fundamental a "eliminação da interferência estu- / dantil na administração das escolas, tanto colegiada como gremial".

Com tal orientação, vemos que o imperialismo deseja dar uma

direção didática e pedagógica, visando impor, conforme se expressa, u
ma "filosofia Educacional para o Continente".

Por outro lado, as classes dominantes dirigirão completamen
te o Ensino Universitário, bitolando-o aos seus anseios que não são =
outros senão o da formação (quando na melhor das hipóteses) "de técni
-cos, cientistas e profissionais puramente tecnicistas, alienados em
relação aos verdadeiros interesses do Continente, e, qualificados a =/
servirem a uma economia dependente, não emancipada".

Mais adiante, no tópico referente à UNIVERSIDADE, diz o ci-
tado Relatório, que a "Universidade Latino-Americana deve consolidar/
sua autonomia e adquirir um grau maior de independência real. O me-
lhor sistema legal para alcançar êste grau de liberdade é a transfor-
mação da Universidade estatal em uma Fundação privada".

Êste Relatório, elaborado em 1958 pelo professor Rudolph P.
Atcon, somente veio a ter condição de ser colocado em prática no go-/
vêrno "revolucionário" imposto pelo golpe militar de 64.

Assim, vemos que houve uma inversão de valores. A Reforma U
niversitária antes tida como coisa de Comunistas, passou a ser defen-
dida por aquêles que mais a combatiam. Não que isto signifique uma e
-volução ou mesmo uma aceitação da verdadeira REFORMA pregada pelos =
estudantes, muito pelo contrário, serve como tática para facilitar a
penetração do Departamento de Estado e dos grupos econômicos Norte-A-
mericanos nas Universidades.

Surge, por conseguinte, o acôrdo MEC-USAID, baseado no já /
citado Relatório Atcon, que passa a preconizar a criação, bem como a
transformação das Universidades Públicas em Fundações, que, seja qual
fôr o seu mecanismo, é antes de tudo, pessoa jurídica de DIREITO PRI-
VADO; conforme o art. 16 do nosso Código Civil.

Para empreender esta "REFORMA", foram-nos enviados 5 técni-
cos americanos (do Departamento de Estado) para, juntamente com 5 téc-
nicos brasileiros - agora reduzidos a 2 - realizar a reformulação téc-
nica das nossas Universidades, (?!...) dentro dos padrões do referido/
Relatório.

Para atender às despesas oriundas desta "REFORMA", os ameri-
canos sugerem - através do Acôrdo MEC-USAID - a cobrança de anuidades
aos estudantes e a conseqüente transformação de tôdas as Universida-/
des públicas em fundações. E para que estas Universidades sob a forma
de FUNDAÇÕES, venham a sobreviver, necessário se faz, segundo o pro-/
fessor Norte-Americano Rudolph Atcon "a colocação do Ensino Superior/
em bases rentáveis, cobrando matrículas crescentes durante o período/
de 10 anos; ... deve ser estabelecido um fundo assistencial de bôlsas
adicionais para compensar o desaparecimento de uma Educação superior
gratuita".

No que diz respeito à cobrança de anuidades, vemos o incre-
mento dos privilégios no Ensino Superior, visto que muitos estudantes
pertencentes mesmo à classe média, deixariam de estudar pelo agrava-/
-

CONFIDENCIAL

-7-

-mento das despesas, que ~~iriam onerar ainda mais~~ os cursos de níveis/Universitários. Ora, se isto se aplica em termos genéricos em todo o Brasil, imagine-se num Estado pobre como Sergipe, onde a renda per-cá-pita é de NCr\$ 14,65 (quatorze cruzeiros novos e sessenta e cinco centavos). Já no que se refere à transformação das Universidades Públicas em Fundações, devemos deixar bem claro, que, mesmo que as Fundações recebam o nome de Federal, é uma entidade de Direito Privado, conforme já citamos. O nome Federal serve apenas para justificar o recebimento das verbas da Nação; não exclui, segundo o Acôrdio MEC-USAID, a cobrança das anuidades e taxas escolares, nem tão pouco a ingerência das empresas privadas nacionais e estrangeiras nos assuntos internos e externos da Universidade.

Esta "REFORMA" Universitária, como está sendo programada, = constitui-se num atentado não só aos estudantes pertencentes aos quatro das classes média e pobre, como também contra a soberania nacional, já que o Departamento de Estado-Norte-Americano e os grupos econômicos que vierem financiar estas FUNDAÇÕES - (através das bôl-sas de estudo prometidas por Rockefeller, pela Ford Co., e pela USAID) - irão determinar (se nenhuma força lhe opuser) as diretrizes das Universidades brasileiras, que perderiam assim, a sua autonomia, para ficarem sujeitas à orientação do Imperialismo Ianque. "Da mesma forma que a dominação econômica possibilitou o controle político e administrativo da América Latina pelo capital monopolista internacional, = em aliança com seus aliados internos no Continente - o latifúndio e a burguesia reacionária, - a transformação das Universidades em Fundações, financiadas e dirigidas pelo capital privado ou estatal Norte-Americano, permitirá o controle destas Instituições, bem como impor a orientação política e ideológica das classes exploradoras".

Desta forma, visam os americanos conseguir os seus objetivos, atuando diretamente nas Universidades, a fim de aliená-las e torná-las instrumentos de apoio ao atual "status quo".

c) ANUIDADES X PRIVILÉGIOS

Quanto à participação dos alunos na manutenção da Universidade por meio de taxas de matrículas e anuidades, devemos considerar/que, aproximadamente, 70% dos estudantes sergipanos pertencem à classe média - (dentro de suas variantes); 15% à burguesia e 15% à classe pobre. Note-se que há uma participação das classes pobre e intermediária entre esta e a média, graças à gratuidade do ensino nas Faculdades de Química, Direito e Economia, que tenderá a desaparecer com a nova-estrutura Universitária, aumentando mais ainda o privilégio existente, em vez de diminuí-lo, no processo inflacionário que ora atravessamos.

Dentro de alguns anos, teremos anuidades altíssimas, haja = visto a "cobrança de matrículas crescentes durante o período (mínimo) de 10 anos"; então a elitização do Ensino seria um fato consumado, = constituindo-se no mais alto privilégio, alcançar-se o curso superi-

CONFIDENCIAL

CONFIDENCIAL

-8-

or. A "Reforma" ao invés de visar acabar (pelo menos na Educação),/ com as discriminações sócio-econômicas, - criando condições para poder levar a Universidade aos filhos das classes operárias e camponesas, - faz absurdamente o contrário: sufoca cada vez mais estas possibilidades pela plutocratização a que submete as Universidades, estreitando inclusive as oportunidades de ingresso até mesmo aos filhos da classe média, tornando-se então em instrumento de dominação "cultural" das classes dominantes, pela marginalização do POVO em sua contextura:

C O N C L U S Õ E Sa) - O porquê da forma Autárquica

As denúncias já feitas anteriormente do convênio MEC-USAID, do Relatório Atcon e de outros tipos de "infiltração imperialista" no setor da Educação Nacional, bem como a atuação de grupos econômicos locais, através de pressões ao Governo do Estado, levaram-nos à defesa da forma Autárquica, vez que, Fundação, segundo a mecânica do Código Civil em seu art. 16, é antes de tudo pessoa jurídica de Direito Privado. Por outro lado, vimos que investimos somente 7,4% do nosso orçamento em Educação, quando bem poderíamos proporcionar o Ensino Superior gratuito e autárquico; isto solucionaria também, em parte, alguns dos problemas dos ENSINOS primário e médio, o que viria a facilitar a formação de "técnicos de nível médio" tão essenciais ao nosso desenvolvimento. Esta forma autárquica dificultará a influência "direta" da ação destas "fôrças ocultas", ao tempo em que abre perspectivas de criação de uma técnica voltada para os nossos problemas, permitindo maior defesa e solidificação de nossa CULTURA, com a contribuição de modo eficaz para a independência político-econômica do Brasil.

b) - O porquê do ensino gratuito

Advogamos uma Universidade para o povo, que quebre os privilégios existentes, permitindo uma maior participação da pequena burguesia, do operariado e da classe pobre camponesa, possibilitando o surgimento de uma cultura vinculada à nossa realidade ao mesmo tempo em que ampliamos o número daqueles que terão conhecimentos dos nossos problemas, surgindo daí as condições para resolvê-los.

Não nos interessa uma Universidade que aumente o caráter seletivo sócio-econômico já existente; sintetizado na frequência necessária aos "cursinhos" pré-vestibulares, indispensáveis para se disputar o pequeno número de vagas.

Condenamos esta Universidade que por meio de anuidades e taxas escolares, tornar-se-á uma "tôrre de marfim" inacessível ao POVO que, através de impostos, a construiu e a mantém.

--- x ---

POR UMA UNIVERSIDADE POPULAR, PÚBLICA, E GRATUITA!**CONFIDENCIAL**

1-1-INTRODUÇÃO

A profundidade alcançada pelo golpe militar entreguista e reacionário de março de 1964, em nosso país, indica que a transformação da situação política atual não poderá ser, de modo algum, obra de uma só classe social ou de um único poder político. Somente o esforço unido de milhares de brasileiros em ampla frente única contra a ditadura e pela conquista das liberdades democráticas terá condições de fazê-lo com êxito.

Nêsse conjunto de forças, os estudantes podem e devem desempenhar um papel dinâmico e combativo. Indicam-no todo o seu passado de lutas e também o espírito de combatente que já demonstram no momento -- suas parcelas mais avançadas. Porém, não obstante sua potencialidade revolucionária, o movimento estudantil não se enfileirá espontaneamente na frente única; tampouco cumprirá o seu papel se não se apresentar unido, organizado e transformado num verdadeiro movimentador de massas.

Para que tais condições sejam criadas e desenvolvidas, é decisivo que o movimento estudantil brasileiro disponha de um centro aglutinador, forte por sua representatividade e politicamente capaz de orientá-lo em todas as situações, de acordo com suas necessidades e as necessidades políticas do país. E este centro aglutinador já existe é a UNIÃO NACIONAL DOS ESTUDANTES. Criada em 1937, por imposição do movimento democrático brasileiro e obedecendo à aspiração de todos os estudantes do país.

Logo, o importante é saber se a organização máxima dos universitários, está ou não, atualmente, à altura de cumprir o seu papel histórico. Se não o está que poderemos nós fazer para que se criem as condições necessárias para ela exercer o seu papel entre os estudantes? Este é o objetivo central desse artigo.

2- O QUE É A UNE

Se temos em conta suas origens e os documentos básicos que levaram a sua estruturação e desenvolvimento posterior, UNE é uma organização política - partidária de todos os estudantes brasileiros, cujo objetivo, essencial é coordenar, estimular e desenvolver as ações estudantis em âmbito nacional, sejam elas de caráter político, social, econômico, cultural e educativo, colocando em primeiro plano os interesses do setor que marcha sob a sua bandeira.

cont. na pag. 2

Dentro dêste enunciado geral, a UNE cumpre seu papel quando:

I - Expressa e defende teórica e praticamente os interesses de todos os estudantes, e não de determinadas facções políticas mais avançadas. Isto significa dizer que a sua plataforma não deve conter apenas as tarefas políticas gerais, mais também, e em plano de grande realce: As lutas pelas tarefas políticas que se relacionam diretamente com os estudantes.

II- A UNE cumpre seu papel quando, ao lado da preocupação por abrigar em suas fileiras as forças e organizações estudantis que coincidem plenamente com sua plataforma, de ação política e reivindicatória, trabalha incansavelmente para que novos contingentes de estudantes e organizações estudantis continuem avançando para posições mais consequentes. Para isso deve dispor de um amplo plano de trabalho que vise a UNIDADE e COOPERAÇÃO com todas as organizações estudantis existentes, à base de um ou mais pontos de interesse comum. Esta é a melhor maneira de se despertar centenas de jovens ainda confinados ao seu próprio meio para a luta geral de nosso povo e, pouco a pouco, integrá-los às ações concretas que os ensinarão a viver suas próprias experiências como elementos ativos da luta social.

III- A UNE exerce plenamente seu papel dirigente no movimento universitário quando está aberta não somente às organizações estudantis dirigidas por líderes de esquerdas ou quem abriguem em suas fileiras apenas ante-imperialistas militantes, e sim, quando recebe, sem qualquer preconceito as entidades estudantis em que outras forças exercem circunstancialmente a sua direção e tenham o prestígio de massa.

O pretexto falso e errado de que devemos manter a entidade fechada à maioria e aberta apenas ao comprovadamente revolucionários para evitar que a reação se infiltre na Organização, leva a se aceitar deliberadamente a marginalização crescente da UNE em relação ao movimento estudantil em geral deixando-a indefesa ante os ataques do inimigo, pois a sua única possibilidade de defesa reside na força das massas.

IV- A UNE cumpre seu papel quando, em seus órgãos dirigentes estão os representantes das organizações estudantis mais importantes por sua tradição, peso político e participação ativa na vida estudantil brasileira. Quando tais órgãos são distribuídos entre representantes de partido ou facções políticas como tais, a UNE está com a porta aberta para se transformar de organização de massa em partido político o que evidentemente, foge completamente aos interesses do movimento estudantil, já que introduz

CONFIDENCIAL

-3-

nele o perigoso foco da divisão grupista.

V - Finalmente, a UNE desempenha o papel para atuar, como foi criada, usando formas e métodos de luta que possam ser compreendidos, assimilados e aceitos por todos os estudantes e não por uma minoria ativa. E sobretudo não substitua nenhuma forma de luta por mais simples e / rudimentar que seja.

Nos dias em que vivemos devemos valorizar tôdas as formas de luta que contribuam para aproximar a ditadura de sua derrota pelo povo, bem como para acumular forças no setor. O importante é se trabalhar para que a forma mais simples de luta, evolua no sentido de ser mais avançada e ligada aos problemas gerais da Nação, e para que a forma mais avançada saiba valorizar e apoiar as reivindicações menores e limitadas sem taxá-las com desprezo de "fisiológicas".

Tal é o conceito correto em relação à UNE que as forças políticas que no MU e no seio ad entidade tem o dever e a obrigação de preservar independentemente de seus interesses como organizações, para que ela cumpra, verdadeiramente, seu papel. Se não fazem cedo ou tarde / terão que prestar contas de sua atuação negativa perante o movimento revolucionário dos estudantes.

3º - ERROS E DEFORMAÇÕES DA UNE

Os fatos vêm demonstrando que esta não é a concepção das forças políticas que atualmente dirigem ilegítimamente e quase com exclusividade a entidade. Elas concebem as organizações estudantis como um Partido Político a seus serviços; os estudantes, como massa de manobra para suas guinadas políticas; a UNE, como mero biombo atrás do / qual se coloca os seus dirigentes para servir os interesses de suas organizações.

Nesse sentido, quando agitam e defendem uma reivindicação de interesse geral não o fazem conduzi-la a uma conveniente solução, e sim, o fazem com segundas intenções, isto é, a de explorá-la para / galgar posições e subrepticamente dar cursos exclusivamente às suas atividades político-partidárias.

Em vez de aceitar como parte integrante da UNE tôdas as organizações estudantis, transformam-na numa organização representativa apenas daqueles que resam por sua cartilha.

Seu programa, ações, métodos de luta na organização estudantil não visam, de modo algum a capitalizar tôda a força de oposição contra o governo do golpe de abril, não visam ao combate sem tréguas ao que / tem sua política de nocivo aos interessses estudantis, e sim levar à prática suas estreitas tarefas e objetivos prágmaticos. Em conclusão, estas forças políticas não têm feito outra coisa a não ser deformar, mutilar e descaracterizar completamente os objetivos, o programa, es

CONFIDENCIAL

e do imperialismo, montado no país e conseqüentemente, o fortaleci -
mento da ditadura.
Hoje, mais do que nunca não deveremos poupar esforços para transfor -
mar a UNE no centro aglutinador de TODOS os estudantes, no mais /
importante instrumento da UNIDADE do movimento estudantil, num es -
teio formidável da frente única contra a ditadura, pela emancipação
econômica e social de nossa Pátria.

(TRANSCRITO DO " O CORUJÃO " , órgão dos alunos da
Faculdade de Filosofia , Ciências e Letras da Univer -
sidade do Estado da Guanabara)

" A luz selvagem do sol resplandecerá novamente sôbre nós,
enxugará as lágrimas e as nossas feições achir calhadas .
Quando romperes êstes grilhões, estas pesadas correntes
dispersar-se-á para sempre o tempo da crueldade, da mal -
dade, Orgulhoso, o livre Brasil se levantará da terra ne -
gra".

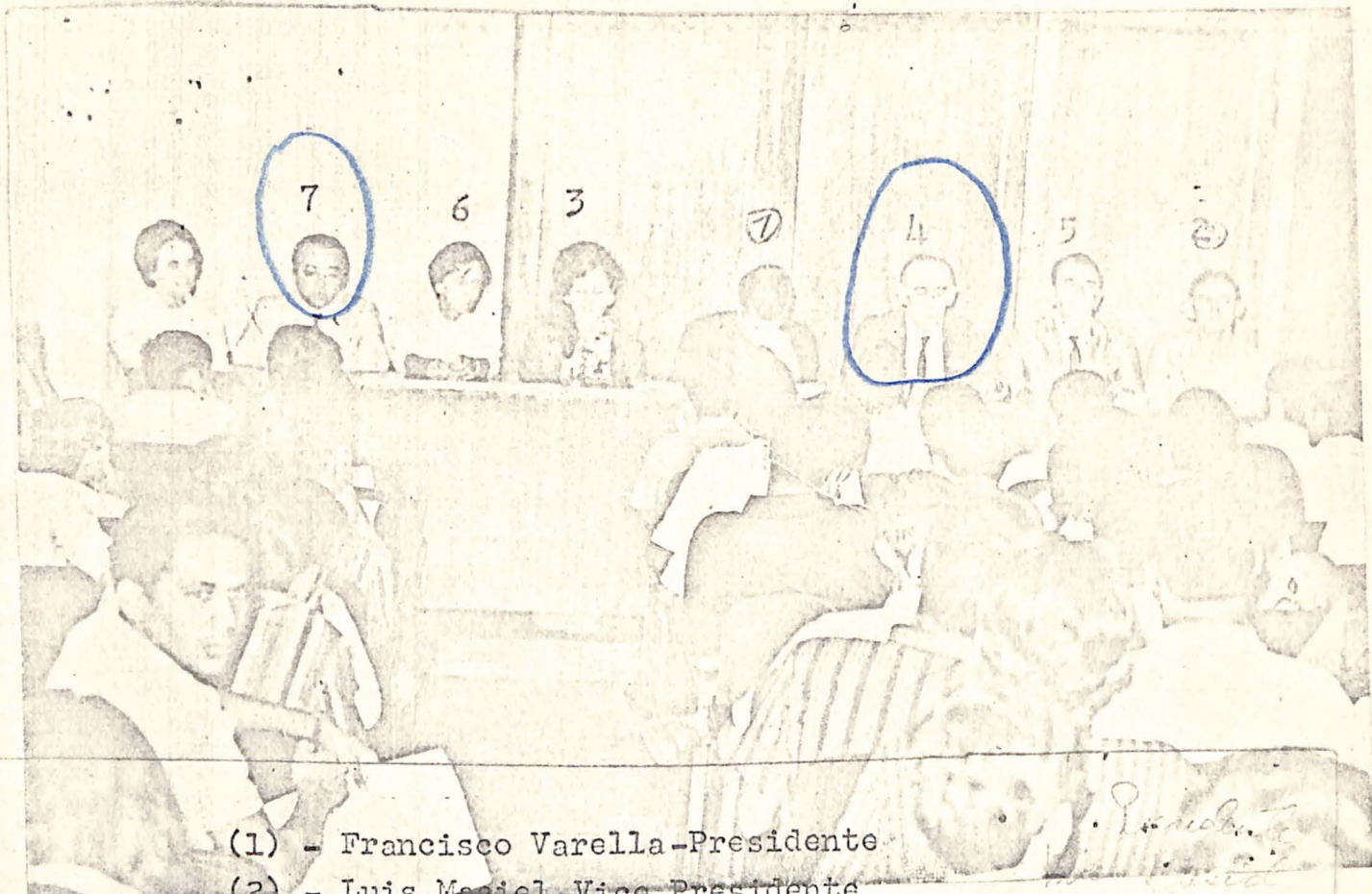
Pela liberdade lutamos e por ela vamos morrer. Agora sa -
bemos que a verdadeira independência nunca é concedida /
sôbre uma bandeja de prata, mas conquistada... O Brasil
deve pertencer aos brasileiros ... Fomos, somos e sere -
mos brasileiros para, para sempre ..."

(Plágio do pensamento do grande líder congolês,
PATRICE LUMUMBA)

.....
.....

...E esta nação , renascerá para a LIBERDADE .

CONFIDENCIAL



- (1) - Francisco Varella - Presidente
- (2) - Luis Maeiel - Vice Presidente
- (3) - Elvidina Macedo - 2º Secretário
- (4) - Dr. João Cardoso - Reitor
- (5) - Dez. Valdemar Fortuna de Castro 1º Vice Reitor
- (6) - Madre Albertina Brasil
- (7) - Deputado Estadual (MDB) Jaime Araujo

Local: ESCOLA DE SERVIÇO SOCIAL
 Data 31/5/68 a 2/6/68

1º SEMINÁRIO PROBLEMAS ESTUDANTIS E REALIDADE BRASILEIRA
 PROMOÇÃO - DIRETORIOS ACADEMICOS (U.F.S) = ARACAJU-SE
 POR UMA UNIVERSIDADE POPULAR PÚBLICA LIVRE E GRATUITA

CONFIDENCIAL

CONFIDENCIAL

ANEXO B

Diário da Universidade Federal do Rio de Janeiro

Fundador: OSWALDO BARROS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Estado do Rio de Janeiro, Sexta-Feira, 5 de Junho de 1968

PRESIDENTE ASSUME DCE PEDINDO OUTRA POSIÇÃO

O novo presidente do Diretório Central dos Estudantes da UFRJ, na sessão realizada durante sua posse, ontem, no discurso em que sugeriu a discussão da problemática universitária através de turnês e excitou os diretores acadêmicos a acabar com a burocracia e a pressão que o estudante apresenta diante de reivindicações. Logo em seguida assumiu o cargo sob as vistas do reitor, Haroldo Neto e do ex-presidente Luis Travassos, da entidade (DCE), que também foi aplaudido em pé pelos 100 universitários reunidos no salão da UFRJ, cuja construção está interrompida. O presidente do DCE disse ao DCE que os DAs vão estudar profundamente os artigos que encontram e o ex-presidente Luis Travassos declarou em seu discurso que a posse foi autenticamente estudantil. P. 3.

PRESIDENTE UFRJ

REITOR

PROF. LEISA BASTOS

DCE

UFRJ

← EDSON BEVIANO PRES. DO DCE

... 300 universitários que apelam entidade e ações

CONFIDENCIAL